

Se Liga na Saúde da Galera - um levantamento sobre a adolescência na favela de Santo André

Elizabeth Miura Miyasaka¹

Silmara Conchão²

Eduardo Magalhães Rodrigues³

Luciana Pereira⁴

RESUMO:

Introdução: Adolescentes em situação de vulnerabilidade social enfrentam barreiras significativas para o acesso a direitos básicos, como saúde, educação e lazer, especialmente em contextos de favela. A pandemia de COVID-19 agravou ainda mais essas desigualdades, comprometendo o bem-estar físico e mental dessa população. **Objetivo:** Analisar aspectos do bem-estar de adolescentes residentes em favelas, com base nos Determinantes Sociais da Saúde (DSS), durante e após a pandemia de COVID-19. **Métodos:** Estudo qualitativo com 12 adolescentes entre 10 e 20 anos, residentes em uma favela de Santo André. Utilizou-se a técnica de entrevistas mistas (estruturadas e não estruturadas), com análise temática. **Resultados:** Identificaram-se dificuldades relacionadas à desigualdade social, trabalho precoce, exclusão digital, saúde mental, uso de substâncias, educação sexual precária e barreiras no acesso à saúde. Apesar disso, os adolescentes expressaram sonhos e expectativas, destacando a importância de políticas públicas integradas e da tele saúde como instrumento de promoção à saúde jovem. **Conclusão:** A pesquisa revelou múltiplas dimensões da vulnerabilidade social e a necessidade urgente de ações públicas efetivas para promoção do bem-estar de adolescentes em territórios periféricos.

Palavras-chave (DeCS): Pandemias. Favelas. Adolescentes. Vulnerabilidade Social. Determinantes Sociais da Saúde. COVID-19.

INTRODUÇÃO:

A presente pesquisa buscou identificar aspectos relacionados ao bem-estar de adolescentes, neste período de pandemia/pós-pandemia, residentes de uma favela da cidade de Santo André, região do grande ABC Paulista. Consideramos como público adolescentes de 10 a 20 anos. Nosso tema central foi o que eles e elas nos contam sobre o contexto social ao qual estão inseridos, suas dificuldades, potencialidades, motivações, medos, sonhos, expectativas, alegrias, tristezas, valores, pontos de vista, princípios... A ideia foi desconstruir aspectos individualizados e revelar quais os fatores sociais que influenciam as atitudes e as opiniões sobre as formas de ser e de pensar sobre a sociedade. Longe de verificar pontos de vista especulativos, a ideia foi observar, na interação entre fatos e explicações, as diversas expressões na relação com o mundo que os cerca.

Salientamos a importância de nosso público principal: adolescentes que na fase de maior modificação social, física e psicológica enfrentaram a pandemia vivendo em um ambiente de extrema pobreza. O que

¹ Centro Universitário Faculdade de Medicina do ABC, Santo André, SP, Brasil; ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-4447-9136>; beth.miyasaka@hotmail.com

² Centro Universitário Faculdade de Medicina do ABC, Santo André, SP, Brasil; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9330-8930>; silmara.conchao@fmabc.net

³ Centro Universitário Faculdade de Medicina do ABC, Santo André, SP, Brasil; ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-4850-7371>; eduardo.rodrigues@fmabc.net

⁴ Universidade Federal do ABC, Santo André, SP, Brasil ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5740-6181>; luciana.pereira@ufabc.edu.br

eles e elas têm a nos dizer sobre o durante e o pós desse evento? Essencial destacar que não estamos falando dos(as) adolescentes de uma outra camada da sociedade que, ao longo de toda essa fase, estiveram em seus quartos e que, mesmo em isolamento presencial, puderam interagir *online*. É importante notar que o quadro pessoal e sanitário vivido pelos(as) adolescentes de nosso estudo foi intensificado pela já referida situação de extrema pobreza. Isto é, estamos nos referindo àqueles e àqueles que não têm e não tiveram condições mínimas de moradia, educação, alimentação etc. bem como de acesso à *internet*.

Sendo assim, a fala desses(as) adolescentes nesta pesquisa qualitativa, constitui o objeto central de nosso interesse. O desafio foi conhecer e problematizar a rede de conhecimentos, as oportunidades, as instituições locais e as relações sociais que produz, normatiza e controla as formas e os lugares nos quais esses adolescentes convivem. Da mesma maneira, abordamos os modos que exercitam e regulam suas rotinas, relações afetivas, conflitos e confrontos. Verificamos, através deste estudo, os novos desafios no pós-pandemia, bem como os velhos dilemas de um sistema pautado pela desigualdade de oportunidades, dramática concentração de renda e pobreza extrema. Foi com esta perspectiva que investigamos o bem-estar na fase da adolescência na favela.

Enfim, de maneira sistemática, o objetivo central da pesquisa foi conhecer de que forma fluem e se estruturam os discursos que caracterizam as rotinas, experiências, expectativas, sentimentos, atitudes e valores dos(as) adolescentes. Ressaltamos que o escopo maior desta pesquisa de iniciação científica foi produzir referências, dados e conhecimentos qualitativos que efetivamente possam contribuir para a implementação e a avaliação de um sistema de telessaúde piloto nas escolas públicas mais vulneráveis da cidade de Santo André. Para o alcance de tais metas, a pesquisa teve como objetivos específicos levantar as percepções dos(as) adolescentes da favela de Santo André em relação às instituições de seu cotidiano; revelar a origem ou os fatores principais que facilitam ou dificultam o acesso aos direitos sociais básicos e conhecer como o(a)s adolescentes de camadas populares vivenciaram a pandemia.

MÉTODO

Trata-se de um estudo qualitativo, cuja finalidade é compreender, em profundidade, relações e processos que não podem ser apreendidos unicamente por meio de variáveis quantitativas. A pesquisa foi desenvolvida com um grupo de adolescentes residentes em uma ocupação localizada em uma favela do município de Santo André, no local conhecido como Morro da Kibon.

A abordagem qualitativa adotada permitiu levantar um conjunto significativo de dados que nos possibilitou dialogar com um universo denso e complexo, promovendo diversas oportunidades de reflexão e afastando-nos das interpretações reducionistas, muitas vezes orientadas por visões de senso comum. Tais visões tendem a individualizar questões que, como já discutido, são reconhecidas há anos como de ordem coletiva, sendo tratadas enquanto “problemas sociais”.

A coleta de dados foi realizada por meio da técnica de entrevistas mistas, aplicadas a 12 adolescentes. A seleção dos(as) participantes foi feita de forma aleatória, controlando variáveis como sexo, idade, posição social e institucional, de modo a garantir maior representatividade e diversidade de perspectivas.

Para a aplicação das entrevistas, elaboramos uma estratégia inicial de aproximação, com o intuito de envolver os(as) adolescentes no tema e favorecer uma escuta sensível da vivência cotidiana sob a ótica

própria dessa fase do desenvolvimento. Buscamos criar um ambiente de acolhimento e confiança, que estimulasse não apenas a liberdade de expressão, mas também o desejo de compartilhar experiências. As entrevistas foram transcritas na íntegra e submetidas à análise qualitativa. As transcrições foram lidas repetidas vezes, em um processo de imersão nos dados, visando à identificação de significados, padrões conceituais e temas emergentes. Os conteúdos foram, então, organizados em categorias temáticas, permitindo uma descrição detalhada das percepções e experiências dos(as) participantes. Concomitantemente, foram agrupadas questões relevantes e temas apontados pelos próprios adolescentes, respeitando a lógica interna de seus relatos.

RESULTADOS

Os resultados obtidos a partir da fala dos adolescentes foram categorizados e discutidos nos seguintes temas: Trabalho, Tecnologias, Escola, Escola durante a pandemia, Saúde mental, Lazer, Sonhos, Relações Familiares, Álcool, Fumo e outras Drogas, Gravidez na adolescência e Acesso à saúde. Destacamos algumas das falas mais comuns entre eles. Aos que desejarem ler os diálogos na íntegra, refiram-se aos anexos da pesquisa completa.

O Trabalho na Vida destes Adolescentes

Você trabalha? Trabalha com o quê?

F: “Eu estava trabalhando no salão mas saí porque era muito longe, era lá no centro. [...] Todo dia das 6h às 17h. Ia para a escola à noite mas como eu estava parando na escola, eu não ia pra escola. Só ia para o trabalho e ia para casa. Fiquei bastante [tempo parada]. Aí eu repeti. Era para mim ter acabado esse ano.”

M: “No mercado. Todo dia, colocando os preços nas compras. [...] Acho que umas 4 horas [por dia].”

M: “Bar. Todo domingo. [...] Fazendo narguile, montando dose, bebida. [...] A noite inteira. Das 23h até às 3 ou 4h.”

F: “Tenho 20 anos. [...] Não terminei os estudos. [Parei no] 11º. Eu ainda não sei [se vou terminar] porque eu estou trabalhando. Eu parei para trabalhar então não tem muita capacidade de eu voltar ainda. Minha mãe é lavradora. Meu padrasto é pedreiro e eu sou lavradora também. Na Bahia significa trabalhar na roça. Você trabalha em roça, qualquer coisa que você achar você tá indo. Geralmente eu estava acordando às 13h porque eu trabalhava 15h, saía 04h. Agora eu estou trabalhando 06h até às 14h e depois no final de semana eu trabalho também. Só que aí eu já trabalho do meio-dia até 22h. Tem que ajudar a despesa em casa, então complica bastante. Quando chegou a pandemia, parou, aí nisso eu fiquei quase um ano e pouco sem trabalhar. Aí apertou muito. A sorte é que até meu marido nesse tempo ele trabalhava puxado. Ele foi demitido de tudo por causa que foi fechado. Aí ficamos em casa mais, mas economizamos mais. Aí acabou atrapalhando tudo. Nós ia muito [atrás de emprego] mas por causa da pandemia eu não estava achando.”

F: “Eu já olhei um menino ali da frente de quinta-feira das 08h até 19h, só que como eu tenho escola não tinha como mais porque se eu faltasse prejudicava na escola.”

F: “Às vezes eu tenho que acordar cedo tipo 05-06h porque eu trabalho com internet. Eu tenho Instagram aí eu faço clipe... [É monetizado], graças a Deus. Hoje eu já consigo ajudar minha mãe em casa por conta da internet. [...] Demorei dois anos [para conseguir monetizar].”

O Acesso às Tecnologias

Você tem celular?

M: “[Durante a pandemia, usava] da minha mãe, porque eu não tinha.”

M: “O meu quebrou. A minha madrasta jogou dentro do copo de café com raiva de mim.”

Na sua escola tem Internet?

F: “A minha tem mas é uma bosta.” F: “Muita gente usando, aí não faz nada.”

F: “Tem, mas é muito ruim lá a internet, o wi-fi. Ele tem quatro redes de internet lá porque a gente usa muito computador pra gente fazer prova. Eles têm que colocar a internet, né? Porque a gente tem que entrar no site para poder fazer a prova Paulista.”

A Escola na Perspectiva deste Público

M: “O ano passado eu fui expulso porque eu rasguei a cortina da escola. Aí eu fui expulso. Aí quando foi esse ano eu voltei para lá de novo. [...] Eu repeti. Teve umas brigas lá das meninas, aí botaram o meu nome no meio e eu fui expulso. Aí me deram advertência e a mulher falou que não era mais pra eu comparecer na escola, então eu fui expulso né. Aí meu pai vai me botar em outra escola.”

F: “Lá [no Piauí] não é escola igual daqui [São Paulo], lá é escolas de cidadezinha. É para o aluno ir lá, estudar, às vezes eles nem passa provas, era só para reforçar mesmo.” F: “Que nem lá é tipo Bahia, aqui é mais pesado do que lá. Tem hora que você tá lá que quando você vem para cá, você já estudou, mas nem estudou lá. Lá é muito fácil, você passa rápido, já aqui é mais pesado.” F: “Igual quando eu tava lá no oitavo ano, eu fazia atividade do sexto ano, lá é assim.” F: “Tinha uma menina da sala, que ela faltou o ano inteiro, ela veio acho que umas duas vezes pra escola, ela passou, lá no Piauí.” F: “Porque lá é muito fácil, as coisas são mais fácil do que aqui. É diferente daqui pra lá, como se fosse interior, só que aqui é mais avançado do que lá.”

F: “É que nem eu falo, que o ensinamento daqui [São Paulo] é muito bom, muito bom mesmo. Quem estuda aqui tem que dar valor porque o estudo daqui é ótimo, porque a vida do Nordeste, o ensino, você não consegue evoluir. Você pode ver, quando você chegar lá, muita coisa que você sabe daqui, do estudo daqui, muita gente não sabe de lá.”

F: “Lá quando eu estudava, eu estudava de manhã, saía meio-dia, e sempre nós pegava das três às quatro para juntar a turma para ficar numa área estudando. Se eu não entendia uma coisa, eu perguntava quem entendia, e se ele que não entendia, eles passavam para mim. Aquilo sem o professor, nós fazia sempre com a turma e aproveitava e fazia o trabalho junto. Aí sempre quando o professor passava, já tava quase todo mundo ligado porque tava todo mundo junto.”

A Escola Durante a Pandemia

Como foi a escola para vocês durante a pandemia?

M: “A escola mudou, que era uma semana cada sala né parça. Quando a pandemia acabou, aí voltou as aulas. Cada sala era separado em dois grupos. Uma semana ia um grupo, na outra ia outro. Acho que [por] uns dois meses. [Durante a pandemia as aulas eram] online em casa. Mas pouca gente fez. Eu também quase não fiz porque era ruim de fazer.” M: “Eu nem participava.” M: “Nem eu.”

M: “Não dava para fazer aula direito. O aplicativo lá travava demais. Aí eu parei de estudar também, na pandemia.”

M: “A escola parou um tempo. 1 mês eu acho parou, aí depois começou esse negócio de aula online aí.”

M: “Eu repeti na pandemia porque eu não fui para escola 1 ano. Aí voltou em outubro. Aí eu não fui para a escola e repeti.”

M: “Muito ruim online. O povo fica mandando áudio lá. 500 áudios lá no celular e o celular...” “As vezes passava na TV a aula. No canal lá, TV Escola. Tinha que assistir e responder as questões.”

F: “Para mim, o EaD não é muito bom porque não aprendi muito, porque na escola, o professor tá ali, ele explica melhor, você pode perguntar para ele se tiver dúvida. Geralmente, no EaD, colocava a lição, você copiava, respondia, e mandava foto.” F: “Se o aluno quisesse ir no Google procurar resposta, era só ir lá, copiar e entregar para o professor, pronto. Então na realidade a gente não aprendia nada.” F: “Geralmente ele tinha o aplicativo que os professores eles mandam as lições, aí eles mandavam as lições. Às vezes a gente tinha que copiar no caderno, responder, mandar foto, às vezes mandar para a gente pesquisar alguma coisa que era só pegar no Google e colocar no caderno. Aí era muito ruim. A gente não aprendia nada. [...] A pandemia começou, eu tava no segundo ano, acho que ficou um ano.”

F: “Foi bem difícil, porque aquela máscara sufocava nós a gente tinha que tirar um pouco e a professora brigava para colocar e foi bem difícil. [...] Teve um mês, dois meses [que ficamos online], aí depois voltou e nós foi para a escola.”

E Como Vai a Saúde Mental dessa Galera?

Vocês conhecem algum adolescente na sua escola ou bairro que tem ansiedade ou depressão?

M: “Eu já fui no psicológico, que eu ficava comendo lápis, borracha. Ainda como.” *risos* [Eu tinha] 10, 11, e até agora eu sou meio ansioso. [...] [la] lá no CAPS. [...] Ansiedade é forte. [Me sinto] com medo, nervoso, comendo assim (*finge morder dedão do pé*). Só quando bate a ansiedade, de vez em quando. Quando fico nervoso, quando minha mãe fica mexendo comigo brava, “Não pode fazer isso, não pode aí.” [...] Aí demora um tempo, aí eu vou dormir, vou fazer algo, mexer no celular e melhora depois. [No psicólogo] era em anos e anos, demorava um ano eu ia, dois eu ia. Consulta marcada.”

M: “Os que tinha se matou. O Mario se enforcou, vocês lembram dele? [Ele tinha] 18 [anos]. Três [se mataram]. Na pandemia foi três. Um lá pra cima mas ele foi por causa da ex menina dele, ele se matou. Mario não sabe, acho que foi de droga e depressão. E teve a doidinha aqui do barraco também que se enforcou. Tudo aqui no Morro. [Tinham] 23 e 17.”

M: “Minha irmã. Minha irmã cortava o braço assim que eu falei “meu Deus, você vai se matar é?” [Ela tem] 18 [anos], mas isso era quando ela tinha 15. ela não tentou se matar não, ela tá louca? Meu pai termina de matar ela. *risos* Ela parou sozinha com essas loucuras aí. Se cortava com gilete. Também conheci uma menina aí que conversava com ela direto por causa que ela brigou com meu parceiro aí. Ela mandava a foto do braço dela pingando de sangue assim. Vocês conhecem, a Joana. Eu mandava ela se cortar mais. Todo dia ela mandava foto para mim, “Ó que o seu amigo tá fazendo comigo”. Eu falei “Pode cortar, você corta mais por favor.” M: “José, não pode falar isso mano.” M: “O quê? todo dia ela mandava mensagem pra mim.”

F: “Eu já tive depressão mas eu nunca fui ao psicólogo. Eu só tomava remédio que o médico passou. Aí eu tomava remédio e como eu tinha depressão falava com a minha mãe, depois falava com meu pai, e eles me ajudaram bastante. [Eu passava com] o médico geral. Aí a gente conversou, aí ele falou, “deixa eu passar um medicamento, você vai tomar todo dia.” Aí eu tomava o remédio todo dia e ficava junto com os meus pais. [Agora] estou melhor.”

F: “Se pudesse eu queria [passar com psicólogo]. Porque eu sou meio paranoica, meio doida. Uma hora estou um jeito, outro um outro. Uma hora eu tô sorrindo, outra hora eu tô com a cara fechada. Ontem eu tava brincando com ele (marido) aí do nada eu fechei a cara, do nada eu comecei a chorar, depois eu virei de coberta, hoje eu acordei alegre, já mandei ele embora. Eu sou assim. [...] Eu comecei assim depois que meu pai morreu.”

F: “Eu já passei [no psicólogo] porque quando eu tinha 10, 12 anos já tive muita dificuldade na escola de aprender mesmo. Eu tinha muito [déficit de atenção], aí eu tinha que passar pelo psicólogo, fiz tratamento, tive que tomar remédio. Aí hoje, graças a Deus, eu me livrei disso. [O psicólogo] ajudou bastante.”

F: “A maioria dos meus amigos [que tem depressão ou ansiedade], a avó e os parentes tudo morreu. Igual a mãe daquele que tava de azul aqui, a mãe dele morreu. Ele era novinho, uns 7 anos, ele tinha também. Eu acho que ela usava muita droga. Aí lá na escola também, a maioria da mãe dos meus amigos da minhas amigas morreu ou então tá internado ou tá com alguma doença, sabe câncer essas coisas. Mas eu dou vários conselhos para eles não fazerem nada de errado.”

F: “Tem a menina da minha sala que ela tem depressão e tem uns povo aqui também da rua que tem, minha melhor amiga tem ansiedade. Não [fazem terapia]. Quando ela quer falar comigo, ela manda mensagem, desabafa comigo, aí eu dou vários conselhos para ela, né? Para ela não fazer nada de errado, porque muitos jovens estão se matando por causa disso. [...] Não conheço [gente que se matou], mas minha melhor amiga, amigos dela da infância, se mataram por causa de ansiedade.”

F: “Eu também tenho ansiedade. Aí teve um dia que minha ansiedade atacou lá na escola e [minha professora de educação física] me deu vários conselhos: ‘não faz nada de errado’, ‘Você é uma boa aluna, você é linda e perfeita, não precisa você ficar pensando nisso’. Ela me dava vários conselhos. [Minha ansiedade] eu não sei explicar como que é. É bem de vez em quando. É tipo uma dor dentro do meu peito que eu não consigo explicar. Porque tem vez que eu fico pensando no meu pai. Porque o meu pai faz 13 anos que eu não vejo. Ele não liga para mim, aí eu fico pensando.”

M: “É mais eu [que tem problema de autoimagem]. Tem hora que eu fico chorando porque fico com vergonha de mostrar minha barriga.”

Como a Galera se Diverte

M: “Andando de bicicleta.” *risos* M: “Que andando de bicicleta? Sua bicicleta tá quebrada.”

M: “[Leio a Bíblia] só. Passo o resto do dia andando de bicicleta, fumando narguile. Mentira, fumo só de vez em quando. Meu pai nem deixa. Vai saber, que tá gravando.”

F: “Assisto um filme. Tem vezes que eu vou dormir. [...] [As vezes eu] não [durmo] *risos* Antes de ontem eu fui dormir 4h da manhã, assistindo filme. [...] Na televisão mesmo, normal.”

M: “Eu tentava dormir e não conseguia, jogando Free Fighting.”

F: “Geralmente em casa às vezes eu paro para fazer exercício só.”

F: “Eu gosto de ouvir música, gosto de sair pro parque, gosto de andar. Eu gosto de ler. Gosto de desenhar também, dançar e eu acho que é isso.”

F: “Eu gosto de gravar Stories porque eu adoro. Eu gosto de ouvir música, gosto de sair muito, no fim de semana eu gosto de beber né, e é só também.” “É de lei.” *risos*

F: “Quando eu tenho algum tempo livre, ficar com minha sobrinha daqui, até então são poucos. Gosto de ficar muito com meu cachorro e meu gato. Quando tem um tempo, sair para beber, mas de vez em quando.”

F: “Eu gosto de ir pro parque com a neném, pra se divertir. Gosto de dançar também, escutar música. É de lei, final de semana sair pra beber também.” *risos* Não agora muito mais por causa da minha neném.”

F: “Geralmente eu e ela às vezes sai para essas baladinha, lá no centro ou pra cá, porque a minha tia mora ali ou a gente vai pra minha vó e tals.”

F: “Em dia que eu não tenho nada para fazer que minha mãe já arrumou, aí eu vou lá na minha vó, faço companhia para ela, ou então eu fico em casa mesmo com a minha mãe, deitada com ela assistindo TV, e no celular. [...] Minha mãe tem o Kawai, então a gente fica assistindo, Tiktok, essas coisas, mas é mais Kawai. As vezes quando não tenho nada para fazer em casa, eu vou lá para o parque também. Levo ela (irmã) para brincar um pouco quando ela não vai pra escola.”

A Capacidade Adolescente de Sonhar

O que vocês pensam em fazer no futuro?

M: “Meu sonho é comprar uma moto e dar uma casa para minha família.”

M: “Eu queria ser jogador de futebol mas agora nem briso mais. Eu parei de jogar bola. Comecei a andar de bike. Cansei do futebol.”

M: “Vou fazer faculdade. Não sei [do quê].” M: “Pagar R\$5.000 por dia.”

M: “Quero fazer esses bagulhos de instalar câmeras, deve ser chave. Que nem o Carlos foi trabalhar um dia.”

F: “Cabelereira.”

M: “Eu queria fazer aula de *tecnologia*.” *risos* M: “Tecnologia. Depois eu que sou analfabeto.” *risos* “*Tecnologia*. Tá errado é?”

M: “Eu quero uma tabacaria.”

M: “Faculdade acho que de administração. Aí por exemplo se tiver alguma loja...” M: “Administração aí você vai lá, faz uma tabacaria lá. Você vai administrar seu negócio, filho.”

M: “Queria ser fiscal.”

F: “Eu quero fazer psicologia. Pretendo, eu quero, se eu conseguir, se Deus quiser, morar em outro país. Eu quero ir para França ou talvez para o Japão ou a Coreia. Eu fiz o ENEM ano passado, mas eu tirei pontos pequenos. Só faltou 20% pra passar. Tirei uma nota um pouco baixa para poder entrar na faculdade, mas esse ano vou tentar fazer vestibular da própria faculdade do que o ENEM, porque eu acho que seria mais fácil fazer da faculdade. Mas se não der certo também vai no Enem e é isso. Mas eu falei para minha mãe né que eu vou ficar tentando enquanto eu não estiver os pontos bons, vou ficar tentando até entrar.”

F: “Eu pretendo fazer medicina, e levando minha vida, bora pra frente. Terminar meus estudos que eu tenho que terminar. Quero fazer o EJA porque o EJA é mais fácil. Em um ano só você faz dois anos.” F: “Para ela que tem filho, fica mais fácil porque tem como ficar com a bebê enquanto ela estuda.” F: “De noite minha mãe tá, então...”

F: “Eu vou terminar só ano que vem [o EJA], aí eu queria fazer o quê: esse ano fazer uma prova, e nessa prova se você passar você já passa direto. Você não precisa mais ir pra escola. Só faz a prova, faz as matérias que tá lá na prova. É tipo um ENEM. Aí se você passar, você já encerrou. Aí eu queria fazer isso.

Eu pretendo continuar mexendo com a internet mas eu quero ter uma outra profissão que é advogada criminalista. Quero fazer curso de DJ que eu sou apaixonada em DJ. Sou apaixonada. Quero morar em outro país também. Eu queria fazer intercâmbio.” F: “Tirando uma dúvida, o que é isso? Intercâmbio?” F: “Fazer faculdade em outro país.”

F: “Quando eu estava estudando eu ia entrar pra fazer faculdade pelo ENADE, mas acabei desistindo. Ainda fui chamada mas acabei desistindo, porque eu desisti de estudar, aí as coisas apertou, veio a pandemia, tive que trabalhar, aí acabei desistindo. Aí eu parei de estudar, não quis fazer faculdade, aí quando eu fui correr atrás eu tinha perdido a vaga. Lá na frente eu pretendo [voltar a estudar]. Eu queria voltar a estudar aqui [em São Paulo]. Só que como a minha transferência não está aqui, pra buscar meu documento dá muito trabalho. Porque eu não moro aqui, eu moro na Bahia. Bahia, Bahia mesmo. Então é bem longe, aí para mim ir e voltar e voltar a estudar vai demorar um pouco, aí ainda vou ver o cursinho. Ou então vou voltar pra minha cidade pra estudar lá mesmo. Apesar que aqui o estudo é melhor.”

Relações no Núcleo Familiar

F: “[Eu fico nervosa] só quando meu padrasto e meu irmão briga. Uma vez ele brigou e ele pegou no pescoço de um. Aí eu só posso desmaiar, tenho problema no coração né? Meu peito incha, sei lá, fica grande, aí tem que passar no médico, aí eu não posso passar nervoso. Não [brigam muito], agora parou. Só por causa da minha mãe que minha mãe tá com depressão agora. [Ela] não [acompanha no psicólogo], ela não consegue sair da casa, mas vai tentar sair amanhã. Ela não quer passar no médico porque ela tem medo de ficar internado, ela tem um nenê pequeno que não dorme sem ela, então ela tem medo.”

F: “[O que me deixa feliz é] minha família, primeiramente minha família. Minha filha, meu marido.”

F: “[O que me deixa triste é] quando a minha filha tá doente, quando eu brigo com meu marido. Quando meu pai, às vezes ele bebe e fica xingando.”

F: “Eu também fico triste de lembrar as vezes de algumas lembranças do meu pai, do que a gente passou com ele. Meu pai ele é uma pessoa muito legal, muito de boa. Só que ele bebia muito. Ele descontava tudo na minha mãe. Meu pai se transformava. Ele não via ele dentro de casa, ele não falava um ‘Ah’ nem nada. Bebia, pronto. Aí já chegava infernizando todo mundo, xingava todo mundo, minha mãe. Meu irmão, ele é um milagre porque minha mãe passou por muita coisa na gravidez dele, com meu pai. Foi Deus que escolheu o nome dele, Salomão. Aí na gravidez da minha mãe, meu pai traiu minha mãe, aí passou muita coisa. Aí por isso que minha mãe e meu pai se separaram. Minha mãe largou tudo aqui em São Paulo para ir pro Piauí atrás dele. E ele não deu valor nenhum. A gente não tem um parente, nada lá. Em vez dele ir pro Piauí para melhorar, que foi o que ele prometeu para a gente, ele foi e piorou mais, e aí a minha mãe separou dele, e agora minha mãe tá super feliz. Eu falo para minha mãe que eu não apoio deles dois voltar, não apoio mesmo. Eu falei pra ela, ‘Se ela voltar, ela vai pro Piauí e eu vou ficar aqui em São Paulo porque eu não volto. Eu não volto.’”

M: “[Eu fico nervoso] quando eu fiz alguma coisa errada aí meu pai fala que vai falar comigo. Será que ele vai me bater? Será que eu vou morrer hoje?” M: “Quando minha mãe quer me bater, eu já vou colocar roupa, roupa de frio, coloco três cuecas, calça. risos M: “Mas você não acredita mano, quando meu pai me dava surra, eu mijava na roupa. Toda vez que ele falava, ‘Vou bater em você,’ eu mijava na roupa.”

F: “O que me traz felicidade é porque eu tô perto da minha mãe. Tô ali com ela todo dia, ela me ajuda com minhas coisas que eu tenho dificuldade, ela me dá conselho. Isso para mim é feliz porque eu tô perto das pessoas que eu amo. Ela me dá bastante conselho para mim tomar cuidado com amizade, com pessoas que fingem ser meu amigo e não é, com pessoas que finge estar do meu lado e ao mesmo tempo quando eu saio de perto eles mete o pau em mim.”

A Gravidez nesta Fase

M: “Já [teve gravidez na sala], no sétimo ano. [A menina] tinha 14 anos.”

M: “O moleque lá com 15 anos, vai ganhar neném.”

M: “No 1º ano tem uma menina grávida.”

M: “Minha irmã foi com 12 anos.”

F: “Tenho 15 anos. [...] Não estudo por conta da minha filha e pretendo estudar, terminar meus estudos. [Parei] no 7º [ano]. [Saí] antes de estar grávida, porque eu casei.”

F: “Hoje em dia toda menina está engravidando. Eu tenho duas amigas que elas pararam de ir para escola porque engravidou.”

Vocês já tiveram aula de saúde sexual na escola?

M: “Não. Só uma vez só, na escola na Bahia, a mulher ensinando sobre sexualismo. Ela fez uma doação de camisinha, PP, GG.” *risos*

M: “Só na rua mesmo, aquele dia lá, lembra? No CECRAN. Teve uns negócios de prevenção.”

F: “Não. Como eu tô no EJA, agora sim. Agora tá falando. Na segunda-feira passada. [Antes nunca tinha tido]. Só no posto mesmo falou. [O médico] falou pra mim. Tem um papel do posto.”

F: “Eu tive no oitavo ano. O nome é aula de sexologia. Era classe de ciências normal aí chegava a parte do corpo humano, aí começou a falar do corpo das meninas... Era bom porque a gente aprendia né, mas os meninos ficavam rindo aí ficava olhando pras meninas. Aí ficavam zoando. Mas era bom, a gente aprendia. E acho que devia ter nas escolas essa aula só pra isso pra ensinar os alunos.”

F: “Não, ainda não. Lá na escola é só do 9º pra cima que eu vou ter essas coisas.”

E: “O pessoal começa a namorar com quantos anos mais ou menos lá na sua escola?”

F: “Com uns 13 anos.”

E: “Então o pessoal começa a namorar no sexto, sétimo?”

F: “Sim, pior que é, tem menino do sexto ano que é deste tamanho e já tá namorando. Mas ele escondido da mãe, não é que a mãe deixa. Aí eu falo “Meu Deus gente”. Ainda bem que minha mãe sabe pelo menos.”

Acesso à Saúde do Adolescente na Favela

O que vocês sabem sobre médico, enfermeira, dentista, psicólogo? Já tiveram contato?

M: “Pra ajudar, quem tá com problema, quem tá doente, passar medicamento.”

M: “Você não pode comer doce.” “Diabetes.”

M: “Só quando tô gripado mesmo.”

F: “É muito difícil ficar doente, aí eu não vou [para o médico]. Posto só vou quando minha mãe precisa que eu vou. Eu só ia pegar os curativos da minha avó que ela tinha da perna e pegar as consultas dela também.”

M: “Eu vou só quando eu estiver quase morrendo em casa. Eu não gosto de ir pro médico. Sai fora, ia tomar Benzetacil.”

F: “A gente gosta de fazer check up geral todo mês.”

F: “[Os agentes de saúde] vem e marca as coisas pra você. Em mês e mês.” F: “Mas só que para você mais marcar aqui, é mais fácil você mesmo ir no posto. Se tiver WhatsApp, manda mensagem pra eles.”

F: “Eu vou direto [no posto], consulta, injeção.”

M: “[Na escola] tem aquelas paradas, aquelas pessoas lá fica falando sobre esse negócio de depressão aí. Tem o Grêmio, aí eles organizam para um psicólogo conversar com os alunos sobre esses bagulho de depressão. Grêmio é o negócio organizador, o que pode melhorar, pode botar som, fazer passeio... como se fosse os organizadores da escola, são alunos que têm cargo dentro da escola, corpo estudantil. Eles chamam quem quer e fica organizando pra conversar, umas mulher traveco. Sapatão, quer dizer. Acho que [são psicólogas] porque elas ficam lá fazendo um monte de pergunta.” M: “[Participei] uma vez só. Foi mó ruim. Eles ficam fazendo pergunta lá e os outros fica chorando, se tremendo. Pessoas ficam do nada começam chorar. Nunca mais voltei lá.” M: “Eu não participei não.” M: “Eu também não, nunca fui.” F: “Eles vão de um em um ano psicólogo. Porque lá na escola tem muita gente com depressão e ansiedade. Aí eles vão lá uma ou duas vezes por ano. [Vão lá] conversar com a gente, vai lá na sala ou então se a pessoa quer desabafar, chama no canto e fala, entendeu?”

DISCUSSÃO

O Trabalho na Vida destes Adolescentes

Notamos pelos relatos dos adolescentes que o trabalho assume uma posição de prioridade significativa. Todas as falas, excluindo da de 20 anos, são de adolescentes entre 13-18 anos que ainda estudam. Os que não estão trabalhando agora, já trabalharam antes ou têm o desejo de trabalhar, estando dispostos a fazer o que estiver disponível, mesmo que isso implique em horários extensos, percursos longos ou períodos noturnos. Alguns demonstram dificuldades em conciliar o trabalho com os estudos, resultando em consequências como a não conclusão do ensino médio ou a repetição de anos escolares. Essa disposição está bastante atrelada à necessidade de ajudar com as despesas de casa, evidenciando um peso financeiro precoce sobre os ombros desses jovens. Vemos também que durante a pandemia houve dificuldade para conseguir emprego, deixando alguns jovens sem estudar e sem trabalhar.

O trabalho nestas condições pode acarretar em menos tempo e energia disponíveis para dedicar-se ao aprendizado, comparativamente aos seus pares que não trabalham. Além disso, mesmo que não trabalhem, o simples fardo que sentem de precisar ajudar a família nas despesas, por si só, pode ser prejudicial para o psique destes jovens que têm sua adolescência interrompida precocemente. Vemos, portanto, vários Determinantes Sociais da Saúde atuando sobre as escolhas destes adolescentes: a condição econômica ditando a viabilidade de educação, e condições sociais e políticas desfavorecendo uma mudança de situação, resultando em um ciclo vicioso de pobreza.

Não é à toa que temos leis como a do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que preconiza: Art. 60. É proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade. Art. 67. Ao adolescente empregado, aprendiz, em regime familiar de trabalho, aluno de escola técnica, assistido em entidade governamental ou não-governamental, é vedado trabalho: I – noturno, realizado entre as vinte e duas horas de um dia e as cinco horas do dia seguinte; II – perigoso, insalubre ou penoso; III – realizado em locais prejudiciais à

sua formação e ao seu desenvolvimento físico, psíquico, moral e social; IV – realizado em horários e locais que não permitam a frequência à escola. Temos políticas públicas que de fato encorajem os adolescentes a buscarem mais por formação acadêmica do que por emprego?

O Acesso às Tecnologias

A análise destes dados revela um quadro de desigualdade no acesso à tecnologia entre os adolescentes. Embora a maioria relata possuir celulares, estes quebram com frequência e os jovens acabam precisando ficar sem ele por períodos prolongados ou com necessidade de compartilharem o aparelho com pais ou avós, visto que pode não ser fácil arcar com os custos do reparo. Não é comum ter computadores, notebook ou tablets em casa, inclusive nenhum dos entrevistados possuíam. Em suas escolas, relatam ter acesso a computadores e tablets, embora restrito, para fazer provas, por exemplo. O wifi também está presente, porém precário. Assim, tanto em domicílio quanto em instituição educacional, vemos que estes adolescentes da favela sofrem algum grau de exclusão digital.

Contudo, a confirmação da presença de tecnologias e rede de internet nas escolas já é um bom início. Indica que um projeto de telessaúde nas escolas tem por onde começar. Com a pandemia, várias iniciativas nessa frente foram tomadas por parte do governo, como a entrega de 8.500 tablets pela Prefeitura de Santo André em 2021 ou a entrega de 500.000 chips com internet para alunos mais vulneráveis pelo Governo do Estado de São Paulo em 2020. Inclusive, podemos concluir que a melhor forma de adotar um projeto de telessaúde de forma mais abrangente, especialmente na faixa etária dos adolescentes, seria através das instituições de ensino, visto a precariedade de acesso a tecnologias de qualidade nas casas das favelas. Para tanto, será necessário incrementar as tecnologias já disponíveis nas escolas e melhorar a rede de wifi para uma boa condução das sessões de telessaúde. Um outro ponto sobre o qual precisamos refletir é a cultura punitiva das instituições de ensino, visto que vários dos entrevistados relatam casos de expulsão das escolas, e portanto exclusão do acesso às tecnologias presente lá. Fica a questão: como podemos lidar melhor com os comportamentos indesejáveis sem que seja necessário expulsar, excluir?

A Escola na Perspectiva deste Público

Um assunto preponderante que surgiu sobre a escola foi o de repetência e expulsão, sendo estas ocorrências bastante comuns entre eles. Os motivos dados foram majoritariamente por falta (geralmente por trabalho) e por comportamento indesejável (depredação ou roubos de objetos escolares, brigas entre alunos, agressão contra professora, uso ilícito de substâncias). Isso levanta uma discussão importante sobre o papel da escola como instituição que acolhe, educa, inclui, enfim, que forma e prepara a próxima geração da nossa sociedade. Há como achar caminhos para dialogar com o adolescente? Dar-lhe voz, oportunidades e ferramentas para melhorar ao invés de condená-lo moral e socialmente e apenas punir, expulsar? Depois de expulso, para onde esses adolescentes vão? Quais as suas opções? Podemos atribuir esse cenário à falta de verba destinada ao ensino público, que acarreta em infraestrutura escolar pouco convidativas, ensino pouco atrativo, professores mal pagos e portanto sobrecarregados ou sem preparo adequado. Precisamos de escolas que criam vínculos com seus alunos, fazem a inclusão dos mais vulneráveis, investem mais nos seus professores e jovens.

Encontramos também um discurso de valorização do ensino do Sudeste em detrimento da do Nordeste. Várias relataram suas experiências em ambas as regiões e, mesmo com todas as dificuldades no Estado

de São Paulo, acreditam que aqui seja melhor. Na realidade, observamos que o Nordeste tem se destacado na área de ensino, concentrando o maior número de notas 1.000 no ENEM, por exemplo. Fica o questionamento se essa percepção é real ou proveniente de um imaginário social que subestima algumas regiões do país. Esse imaginário pode refletir na sua própria auto imagem também, se rebaixando, não acreditando em si mesmo, por serem migrantes de regiões que minimizam.

Ressalto também o último relato deste tema, em que a aluna demonstra empenho nos estudos, formando grupos fora do horário de aula para ajudar um ao outro. Nos demonstra sua vontade e determinação em buscar conhecimento, apesar das adversidades enfrentadas.

A Escola Durante a Pandemia

Estes textos nos mostram a realidade da educação durante a pandemia, que não foi fácil em nenhum lugar, mas foi pior na favela. A maioria não acompanhou as aulas online, inclusive dentre os meninos entrevistados, apenas um conseguiu acompanhar, o que gerou muitas repetências durante este período. Relataram que as aulas foram em forma de áudios, às vezes chamada de vídeo, aplicativo e pelo canal aberto da TV. Estas já não são formas muito atrativas de aprendizagem, mas ainda mais desencorajante para os que só podiam fazer pelo celular, muitas vezes de outro familiar, com pouca memória e internet fraca. Alguns nem sequer souberam que havia esses canais de ensino. Após o retorno ao presencial, perderam metade da carga horária de ensino, visto que só metade da sala ia alternadamente para a escola a cada semana, sem mencionar o fato de que ficaram entre 1-2 meses sem aulas quando iniciou a pandemia. Todos reiteram que apreciam mais as aulas presenciais, dizendo que aprendem mais e podem tirar dúvidas na hora. Podemos concluir que os adolescentes da favela não obtiveram o necessário em relação ao ensino durante a pandemia, gerando atrasos, abandono escolar e aumentando o abismo da desigualdade.

E Como Vai a Saúde Mental dessa Galera?

O assunto sobre a saúde mental dos adolescentes e de seus conhecidos foi um dos que rendeu mais, apontando para a necessidade de ter conversas sobre isso. Observamos que questões de depressão, ansiedade, autolesão e tentativas de suicídio estão bastante presentes. As causas subjacentes incluem doença e morte de parentes, brigas verbais e físicas dentro de casa, relacionamento conflituoso com os pais, ausência afetiva do pai e uso abusivo de álcool entre os familiares. Alguns adolescentes têm ou tiveram acesso a tratamento médico para questões de depressão, ansiedade e déficit de atenção. Outros expressam o desejo de ter esse acompanhamento. Também relatam haver algum apoio e suporte dos pais e professores com relação a esses problemas. Há, porém, indício de acompanhamento inadequado, com relatos de intervalos muito espaçados entre consultas.

Além disso, observa-se uma relutância por parte de alguns adolescentes em se associarem com aqueles que enfrentam problemas de saúde mental, sugerindo ainda algum tipo de estigma e discriminação com relação a esse assunto. Outros demonstraram não saber lidar ou reagir ao se depararem com este tipo de problema, como por exemplo a autolesão, entre os parentes ou amigos.

Constatamos a presença de bullying, incluindo cyber bullying e racismo, dentro e fora do ambiente escolar, além de problemas com auto imagem em relação à “beleza padrão”. O bullying muitas vezes é resolvido com violência por parte da vítima (batendo, xingando), o que também resultou em expulsão. Nestes casos também houve relato de apoio por parte da mãe.

Vemos, portanto, uma grande necessidade de intervenção e proatividade com relação à saúde mental dos nossos jovens, tendo as escolas um papel fundamental. Elas devem promover um ambiente seguro e acolhedor, criando vínculos emocionais, dando suporte adequado e disponibilizando recursos para lidar com essas questões. A telessaúde nas escolas entraria aqui como uma ótima ferramenta para lidar com estes desafios tão prevalentes e, assim, promover algum grau de bem estar dos alunos da periferia.

Como a Galera se Diverte

Formas de lazer saudáveis, amplas e de fácil acesso são muito importantes para o bem estar e saúde mental da população. Algumas formas de lazer mencionadas foram o uso do celular (Tiktok, Kawai, Instagram, jogos como Free Fighting), televisão, bicicleta, narguile como nova forma de socialização, exercício, ouvir música, ir ao parque, andar, ler, desenhar, dançar, beber, ir ao baile, passar tempo com familiares e animais domésticos. Observamos que, de certa forma, estão restritos às modalidades de lazer disponíveis na região próxima, visto que meios de transportes não são muito acessíveis física e financeiramente. E esta região carece de diversas formas de lazer, como centros comunitários, culturais, esportivos, teatros, parques e praças com wifi, a partir do momento que políticas públicas são voltadas para o centro das cidades. Assim, o celular e a televisão emergem como importantes válvulas de escape e meios de comunicação com o restante do mundo. Ressaltamos a importância do parque recentemente inaugurado no bairro, que todos os adolescentes entrevistados relataram estar fazendo uso.

A Capacidade Adolescente de Sonhar

Os sonhos e perspectivas futuras são elementos fundamentais para a análise das condições de bem estar e formas de pensar dos adolescentes. Os sonhos mencionados incluíram comprar bens materiais (moto, dar casa para família), achar emprego (jogador de futebol, jogador de sinuca, instalador de câmeras, cabeleireira, fiscal, influencer, DJ), viajar, fazer faculdade (medicina, administração, psicologia, advocacia), fazer curso técnico, empreender (abrir loja de tabacaria), morar em outro país, fazer intercâmbio. Refletem aspirações de independência, estabilidade financeira e melhoramento socioeconômico tanto para eles quanto para suas famílias. Vários destes sonhos provêm de contato com pessoas que tiveram na vida e serviram para eles de modelo. O desejo e perspectiva de muitos deles de fazer uma faculdade mostra a importância das políticas públicas já existentes que almejam democratizar o ensino superior, como o ENEM, ProUni (Programa Universidade para Todos), FIES (Financiamento Estudantil) e cotas raciais e sociais. Eles demonstram conhecimento de como alcançar seus objetivos, como o ENEM, ENADE, EJA, vestibulares e cursinhos preparatórios. No entanto, ainda percebemos interferência de questões econômicas e sociais, como necessidade de trabalhar, gravidez indesejada e educação deficitária, sendo obstáculos significativos que precisam enfrentar sistematicamente.

Relações no Núcleo Familiar

Os relatos sobre as relações familiares dos adolescentes revelam a complexidade e a importância desses laços em suas vidas. Grande parte de suas emoções como medos, nervosismos, tristezas e felicidades estão diretamente relacionados às dinâmicas familiares. Muitos sofrem com desafios sérios dentro de casa, como o abuso de álcool por parte de familiares, presença de violência doméstica contra a mãe e violência intrafamiliar, acabando por normalizar tais violências. Outros sentem a ausência da figura paterna ou de um vínculo afetivo com um dos pais; estas relações intrafamiliares são causa de

preocupação, insônia e ansiedade. Contudo, a família continua sendo uma fonte de apoio em questões de saúde mental, oferecendo suporte emocional e conforto. Além disso, é notável o papel das figuras maternas na educação sexual dos adolescentes, através do diálogo franco e aberto. Percebe-se a importância das condições dos relacionamentos familiares para o bem estar do adolescente, assunto que pode ser abordado em um projeto de telessaúde.

Álcool, Fumo e Outras Drogas

Começaram a conversa sobre esse assunto brincando e fazendo piadas, banalizando o uso de álcool, fumo e outras drogas. Vemos, porém, que as condições de uso são sérias, sendo bastante comum, mesmo em menores de idade. A prevalência ocorre tanto entre os homens quanto entre as mulheres. Alguns adolescentes demonstram uma visão negativa em relação ao uso destas substâncias, principalmente devido a experiências ruins vivenciadas em suas famílias, como mortes por consumo abusivo de álcool, violência doméstica e vício. No entanto, para outros, a convivência com familiares e amigos que fazem o uso regular, resulta na reprodução do hábito. Relatam o uso comum de cigarros e maconha dentro das escolas, com casos de expulsão e de interrupção da aula por conta de alunos alcoolizados. Além disso, há um aumento da popularização de novas formas de fumo, como o vape, POD e narguile.

Por trás desse cenário, podemos desvelar uma série de fatores que levam os adolescentes a recorrer a essas substâncias como válvula de escape. Podemos citar a falta de disponibilidade de lazer, esporte, educação que dialogue com suas necessidades, dificuldades financeiras, escassez de assistência para saúde mental, uma escola que expulsa. Essas condições criam um convite para jovens ingressarem ou na dependência química ou no tráfico de drogas em si, começando muitas vezes como uma diversão em festas e bailes, mas que pode evoluir para uma dependência emocional e química. Diante desse quadro, torna-se evidente a necessidade urgente de um diálogo sério e aberto sobre o uso de substâncias entre adolescentes, buscando compreender suas motivações, oferecer apoio emocional e criar estratégias de prevenção e intervenção, almejando proteger a saúde e bem estar dos nossos jovens.

A Gravidez nesta Fase

Percebemos que gravidez infantil e do adolescente está bastante presente entre os entrevistados, por vezes afetando os estudos, o psicológico e a economia familiar e, assim, reproduzindo o ciclo da pobreza. Os números são alarmantes: 276.860 partos (não gravidez, partos de nascidos vivos) no ano de 2023 em meninas com 19 anos ou menos. Isso corresponde a 12% do total de partos no Brasil. 13.373 destes partos são de meninas com 12 anos ou menos. Os jovens relatam que começam a namorar já no início da adolescência, ou seja, no 6º ou 7º ano. Referem, porém, que aulas sobre educação sexual ocorrem apenas no 9º ano na escola deles, havendo, assim, uma lacuna de desinformação, período em que podem ocorrer a gravidez indesejada. Relataram receber educação sexual a partir da figura materna e também da UBS. Precisamos trazer informações de qualidade, em momento oportuno, de forma eficaz, para os adolescentes poderem tomar decisões informadas e consentidas, se prevenindo contra gravidez indesejada e infecções sexualmente transmissíveis. A telessaúde nas escolas novamente entraria aqui como uma solução adequada.

Acesso à Saúde do Adolescente na Favela

A compreensão sobre o acesso à saúde foi variada entre os entrevistados. A maioria tinha noção que o sistema de saúde funciona para ajudá-los, porém mais em caráter de urgência e não de prevenção. As meninas tinham um melhor entendimento sobre promoção à saúde e prevenção do que os meninos. Notamos a importante presença do SUS, atenção primária e agentes comunitários, mesmo nas favelas. Novamente vemos menção à saúde mental e a importância do seu cuidado para o bem estar holístico do adolescente. Os entrevistados demonstraram ter informações sobre a vacina do COVID e não houve discurso negacionista entre eles. Notamos a importância da atuação do corpo estudantil nas escolas para promover conversas com psicólogos e abordar a saúde mental. Porém, verificamos a necessidade de criação de vínculo maior entre profissional e adolescente para conseguir um resultado mais efetivo. A telessaúde proporcionaria um acompanhamento mais longitudinal, conseguindo, portanto, criar tais vínculos.

CONCLUSÕES

Por meio deste levantamento de dados qualitativos e análise sistemática das entrevistas mistas, esperamos ter providenciado um panorama claro e objetivo acerca da realidade da população de adolescentes do Morro do Kibon no que diz respeito ao seu bem-estar. Desconstruímos aspectos individualizados e revelamos os Determinantes Sociais de Saúde por trás de suas opiniões, decisões e condutas, incluindo aspectos de suas condições sociais, econômicas, políticas e ambientais. Retratamos uma instituição de ensino que tem dificuldade em manter seus alunos dentro de suas portas, tendo normas mais punitivas do que de inclusão. Mesmo aos que conseguem se manter dentro das escolas, vemos o enfrentamento de tremenda desigualdade educacional, tanto na qualidade de ensino em si quanto dos fatores por trás da qualidade de aprender (condições precárias sanitária, climática, econômica, de moradia, entre outros); isso foi mais claramente escancarado no cenário da pandemia.

Vimos a necessidade deles de trabalhar já na adolescência por conta da baixa renda familiar, sendo a realidade desses empregos, muitas vezes, ilegais, ocorrendo em períodos noturnos, em condições insalubres, competindo com os horários escolares. Encontramos conflitos em suas moradias, agravados por fatores socioeconômicos e ambientais, como o acesso restrito a serviços de saúde, pouca diversidade de formas de lazer, gravidez precoce ou indesejada, etc. Por outro lado, vemos alguns avanços na disponibilidade de tecnologias nas escolas, mesmo que restritas; vemos pais sendo apoio em questões de saúde mental e sendo educadores da saúde sexual para os adolescentes. Constatamos a presença do SUS mesmo nas favelas; e políticas públicas em prol da democratização do ensino médio surtindo efeito na expansão dos horizontes e perspectivas futuras dos nossos entrevistados.

Portanto, mostra-se necessário fomentar políticas públicas descentralizadas, que alcancem os adolescentes das favelas. Caso contrário, só continuaremos aumentando o abismo da desigualdade, o qual é deletério para saúde mental e bem estar da próxima geração, causador de isolamento social, aumento de violência e uma grande perda para o país. A tecnologia surge aqui como uma ferramenta de inclusão social. Assim, pensando nos objetivos do projeto “O Uso da Telessaúde em Escolas Para Promover o Bem-Estar dos Estudantes: Um Experimento de Saúde Digital no Município de Santo André”, concluímos que há grande relevância e necessidade de elaborar e implementar tal projeto, principalmente em escolas com alunos em situação de vulnerabilidade. Haverá dificuldades com relação à precariedade de recursos, tanto de tecnologias e internet, porém, os primeiros passos já foram dados. Além disso, para que o sistema de telessaúde seja efetivo, terão que programar a criação de vínculo com

os alunos e almejar por um cuidado longitudinal, não apenas pontual. Esperamos que nossos resultados possam ser usados como fonte de referência e guiar, de alguma forma, no design, desenvolvimento e implementação do sistema de telessaúde para contemplar as demandas reais dos estudantes desta população. À luz dessas discussões, esperamos facilitar a tomada de decisão dos órgãos públicos envolvidos na aplicação do projeto de telessaúde nas escolas públicas. Acreditamos que, ao contemplar todos os adolescentes, o projeto beneficiará a saúde pública como um todo.

REFERÊNCIAS:

Ayres JRCM, Calazans GJ, Saletti Filho HC, França Júnior I. Risco, vulnerabilidades e práticas e promoção da saúde. In: Campos GWS, organizador. *Tratado de saúde coletiva*. São Paulo: Hucitec; 2006. p. 353-395.

Buss PM, Filho AP. A saúde e seus determinantes sociais. *Physis* [Internet]. 2007 [citado 2024 fev 5];17. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/msNmGf74RqZsbpKYXxNKhm/?lang=pt>

Castro MG, Abramovay M, Silva LB, organizadores. *Juventudes e sexualidade*. Brasília: UNESCO; 2004.

Conchão SA. *Masculino e feminino: a primeira vez: uma análise de gênero sobre a sexualidade na adolescência* [dissertação]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2008.

Criança Livre de Trabalho Infantil. O que o ECA diz sobre o trabalho infantil [Internet]. 2018 [citado 2023 dez 12]. Disponível em: <https://livredetrabalho infantil.org.br/noticias/reportagens/o-que-o-eca-diz-sobre-o-trabalho-infantil/>

Deval J. *El desarrollo humano*. Madrid: Siglo XXI; 1998.

Heilborn ML, et al., organizadores. *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Fiocruz; Garamond Universitária; 2006.

León OD. *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação Educativa; 2005.

Ministério da Saúde (BR). Painel de monitoramento de nascidos vivos [Internet]. Brasília: IVISO; 2024 [citado 2024 jan 5]. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/painel-de-monitoramento-de-nascidos-vivos>

Nery C, Britto V. Favelas e comunidades urbanas: IBGE muda denominação dos aglomerados subnormais [Internet]. Rio de Janeiro: IBGE; 2024 [citado 2024 fev 5]. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38962-favelas-e-comunidades-urbanas-ibge-muda-denominacao-dos-aglomerados-subnormais>

NOP – Núcleo de Opinião Pública. *Juventude: cultura e cidadania*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; 2001.

Pimenta MM. *Jovens em transição: um estudo sobre a transição para a vida adulta entre estudantes universitários em São Paulo* [dissertação]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2001.

Rubin HJ, Rubin IS. *Qualitative interviewing: the art of hearing data*. London: Sage Publications; 1995.

Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. Governo distribui chips com internet a alunos para o projeto “Além da Escola” e para professores da rede estadual para a busca ativa [Internet]. Diretoria de Ensino - Região de Adamantina; 2021 [citado 2023 dez 4]. Disponível em: <https://deadamantina.educacao.sp.gov.br/governo-de-sp-esta-distribuindo-750-mil-chips-com-internet-gratuita-a-alunos-e-professores-da-rede-estadual/>

Secretaria Municipal de Educação de Santo André. Prefeitura de Santo André entrega 8.500 tablets para alunos e professores da rede municipal [Internet]. 2021 [citado 2023 dez 10]. Disponível em: <https://educaon.com.br/noticias/prefeitura-de-santo-andre-entrega-8500-tablets-para-alunos-e-professores-da-rede-municipal/>

Silva G. Refavela: notas sobre a definição de favela. *Lugar Comum* [Internet]. 2013 [citado 2024 fev 5];39:37-43. Disponível em: <https://revistas.ufjr.br/index.php/lc/article/view/50827/27570>

Tancredi S. Enem 2023: Nordeste é a região com mais notas 1.000 na redação [Internet]. *Brasil Escola*; 2024 [citado 2024 jan 22]. Disponível em: <https://vestibular.brasilecola.uol.com.br/enem/enem-2023-nordeste-e-a-regiao-com-mais-notas-1000-na-redacao/355826.html>

Tomesani A, et al. Relatos da pandemia: a necessidade de pensar medidas voltadas às periferias em situações emergenciais [Internet]. São Paulo: Nexo Políticas Públicas; 2024 [citado 2024 fev 5]. Disponível em: <https://pp.nexojornal.com.br/ponto-de-vista/2024/02/06/relatos-da-pandemia-a-necessidade-de-pensar-medidas-voltadas-as-periferias-em-situacoes-emergenciais>